

“Renováveis não bastam para cumprir 2°C”

Categories : [Reportagens](#)

Um grupo internacional de cientistas acaba de desenvolver um método simples para avaliar se o mundo está no rumo de cumprir a meta do Acordo de Paris de estabilizar o aquecimento global em menos de 2°C. A conclusão é que estamos ao menos na direção certa. Mas não por muito tempo.

A partir de 2030, dizem os pesquisadores, a trajetória de descarbonização da economia mundial necessária para estabilizar a temperatura da Terra em níveis mais ou menos “seguros” passará a divergir drasticamente das ações de redução de emissões propostas no primeiro ciclo de compromissos de Paris. Uma forte aceleração dessas reduções precisará ser feita – e apenas as tecnologias existentes hoje, como a energia eólica e a solar, não deverão dar conta do recado.

“O grande risco é focarmos demais em fazer as coisas fáceis e menos nas difíceis”, disse ao OC Glen Peters, cientista-sênior do Cicero (Centro de Pesquisa de Clima) de Oslo, Noruega. “A instalação de energia eólica e solar é necessária, mas não suficiente. Chegar a emissão líquida zero no meio do século vai demandar tecnologias que façam o trabalho pesado, como captura de carbono e armazenamento de energia”, afirmou.

E estas nem de longe estão onde deveriam estar para dar algum respiro à humanidade.

Nesta segunda-feira, Peters e mais sete colegas publicaram no periódico *Nature Climate Change* uma espécie de equação do progresso climático. Chamada Identidade de Kaya, ela consiste, grossíssimo modo, em avaliar as emissões de CO₂ com base em informações sobre três fatores: crescimento do PIB, intensidade energética e intensidade de carbono na economia. Se o PIB de um país, região ou do mundo inteiro cresce 3%, então os outros dois fatores terão de cair mais do que isso para as emissões caírem junto.

O cálculo pode ser usado para informar os governos durante os ciclos de revisão das metas de Paris (as NDCs), previstos para acontecer a cada cinco anos. Só que ele produz algumas verdades inconvenientes.

(...) para atingir a meta de menos de 2°C, será preciso uma redução de 5% por ano nas emissões globais de CO₂.

A mais espinhosa foi apontada pelo economista canadense Christopher Green em comentário ao estudo na mesma edição da *Nature Climate Change*: para atingir a meta de menos de 2°C, será preciso uma redução de 5% por ano nas emissões globais de CO₂. Chegar lá com um crescimento anual de 2% no PIB do planeta exigiria que a intensidade de carbono da economia caísse 7% ao

ano. Entre 2010 e 2015, ela caiu 2,1% ao ano. Como um crescimento global de 2% é considerado pífio pelos economistas, a intensidade de carbono precisa cair muito mais. “Essa nova análise sugere que nós podemos não estar prontos tecnologicamente”, escreveu Green.

As renováveis têm tido um crescimento impressionante: quintuplicaram entre 2000 e 2015. E contribuíram para reduzir as emissões, em especial na Europa. Nos EUA, o caso mais bem-sucedido de corte de CO₂, o grande responsável foi o gás natural, que substituiu o carvão – não o vento e o sol. Na China, o percentual de fósseis na matriz caiu devido à expansão das renováveis, mas o principal fator a controlar as emissões tem sido a desaceleração do PIB.

Quando visto em perspectiva, mesmo esse crescimento acelerado das fontes não-poluentes parece pífio diante da tarefa de estabilizar o clima: elas saíram de 0,55% para 2,77% do total. Green lembra que esse crescimento deverá ser em grande parte compensado pelo declínio de 2% do uso da energia nuclear após o desastre de Fukushima.

“O crescimento das renováveis é impressionante e importante, mas precisamos acelerá-lo”, disse Peters. “As renováveis não têm substituído os combustíveis fósseis, certamente não na escala necessária, e precisamos entender por quê”, prosseguiu. “Dar muito crédito para as renováveis significa que perderemos outras coisas importantes.”

A captura e armazenamento de carbono (CCS) e a bioenergia com captura de carbono (Bio-CCS, ou BECCS) estão entre essas coisas importantes. A maioria das projeções de emissões futuras consistentes com a meta de Paris envolve quantidades colossais de CCS e BECCS, mas no mundo real essas tecnologias ainda não fazem nem cócegas no CO₂ solto por aí. Segundo o novo estudo, será preciso criar 4.000 plantas de CCS até 2030. O número proposto até 2020 está na casa das dezenas.

O Bio-CCS é uma tecnologia ainda mais complicada, porque praticamente não existe no mundo real em escala significativa. Além disso, enfrenta críticas de ambientalistas e de pesquisadores. O próprio Glen Peters é coautor de um artigo, publicado no ano passado, que chama o BECCS de “risco moral” – por possivelmente criar competição por uso da terra e uma certa indolência por parte de alguns países, que deixariam de cortar CO₂ para investir nessa tecnologia, que pode não funcionar.

Tudo somado, a mensagem dos cientistas é uma só e simples: é preciso fazer de tudo e fazer agora para cortar emissões de energia e dar escala às outras tecnologias se quisermos ter alguma chance de evitar quebrar a barreira de 2°C. Peters diz que a chance neste momento é “zero”. “Ou pelo menos é muito difícil. Mas isso não significa que não devamos tentar”.

através de parceria de conteúdo.

Leia Também

<http://www.oeco.org.br/reportagens/trump-derruba-veto-a-oleodutos-polemicos/>

<http://www.oeco.org.br/reportagens/o-que-o-iceberg-gigante-tem-a-ver-com-voce/>

<http://www.oeco.org.br/reportagens/poluentes-de-vida-curta-aumentam-nivel-do-mar/>